

Gaetaninho

CONTO DE ANTÔNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

— Chi, Gaetaninho, como é bom!

Gaetaninho ficou banzando bem no meio da rua. O Ford quase o derrubou e ele não viu o Ford. O cocheiro disse um palavrão e ele não ouviu o palavrão.

— Eh! Gaetaninho! Vem pra dentro!

Grito materno, sim: até filho surdo escuta. Virou o rosto tão feio de sardento, viu a mão e viu o chinelo.

— Súbito!

Foi-se chegando devagarinho, devagarinho. Fazendo beicinho. Estudando o terreno. Diante da mãe e do chinelo, parou. Balançou o corpo. Recurso de campeão de futebol. Fingiu tomar a direita. Mas deu meia volta instantânea e varou, pela esquerda, porta a dentro.

Êta, salame de mestre.

* * *

Ali, na rua Oriente, a ralé, quando muito, andava de bonde. De automóvel ou carro, só mesmo em dia de entêro ou de casamento. Por isso mesmo, o sonho do Gaetaninho era de realização muito difícil. Um sonho. O Beppino, por exemplo. O Beppino, naquela tarde atravessara de carro a cidade. Mas, como? atrás da Tia Peronetta, que se mudava para o Araçá. Assim também não era vantagem.

Mas, se era o único meio? Paciência.

* * *

Gaetaninho enfiou a cabeça embaixo do travesseiro.

Que beleza, rapaz! Na frente, quatro cavalos pretos, empenachados, levavam a Tia Filomena para o cemitério. Depois, o padre. Depois, o Savério, noivo dela, de lenço nos olhos. Depois, ele. Na boléia do carro. Ao lado do cocheiro, com a roupa marinheira e o górron branco, onde se lia ENCOURAÇADO SÃO PAULO. Não, ficava mais bonito de roupa marinheira, mas, com a palhetinha nova, que o irmão lhe trouxera da fábrica. E ligas pretas, segurando as meias. Que beleza, rapaz! Dentro do carro o pai, os dois irmãos mais velhos (um de gravata vermelha, outro de gravata verde) e o padrinho, seu Salomone. Muita gente nas calçadas, nas portas, nas janelas do palacete, vendo o entêro. Sobre tudo, admirando o Gaetaninho.

Mas Gaetaninho ainda não estava satisfeito. Queria ir carregando o chicote. O desgraçado do cocheiro não queria deixar. Nem por um instantinho só. Gaetaninho ia berrar, mas a tia Filomena, com a mania de cantar o "ai maria", tódas as manhãs, o acordou.

Primeiro, ficou desapontado. Depois, quase chorou de ódio.

Tia Filomena teve um ataque de nervos, quando

soube do sonho do Gaetaninho. Tão forte, que êle sentiu remorsos. E, para o sossêgo da família, alarmada com o agouro tratou logo de substituir a tia por outra pessoa, numa nova versão do eu sonho. Matutou, matutou e escolheu o acendedor da Companhia de Gaz, seu Rubino que, uma vez, deu um cocre danado de doido.

Os irmãos, êsses quando souberam da história, resolveram arriscar, de sociedade, quinhentão no elefante. Deu a vaca. E eles ficaram loucos de raiva, por não haverem logo adivinhado que não podia deixar de dar a vaca mesmo.

* * *

O jôgo, na calçada, parecia de vida ou de morte. Muito embora Gaetaninho não estava ligando.

— Você conhecia o pai do Afonso, Beppino?

— Meu pai deu uma vez na cara dele.

— Então, você não vai, amanhã, no entêro?

— Eu vou!

O Vicente protestou indignado:

— Assim não jôgo mais! Gaetaninho está atrapalhando!

Gaetaninho voltou para o seu posto de guardião. Tão cheio de responsabilidades.

O Nino veio correndo, com uma bolinha de meia. Chegou bem perto, com o tronco arqueado, as pernas dobradas, os braços estendidos, as mãos abertas.

Gaetaninho ficou pronto para a defesa.

— Passa pro Beppino!

Beppino deu dois passos e meteu o pé na bola. Com todo o muque. Ela cobriu a guardião sardento e foi parar no meio da rua.

— Vá dar tiro no inferno!

— Cala a bôca, Palestrino!

— Traga a bola!

Gaetaninho saiu correndo. Antes de alcançar a bola, o bonde o pegou. Pegou e matou.

No bonde vinha o pai de Gaetaninho.

* * *

A gurisada, assustada, espalhou a notícia da noite:

— Sabe o Gaetaninho?

— Que é que tem?

— Amassou o bonde!

A vizinhança limpou, com benzina, suas roupas domingueiras.

* * *

Às 16 horas do dia seguinte, saía o entêro da rua do Oriente e Gaetaninho não ia na boléia de nenhum dos carros do acompanhamento, ia, na frente, dentro de um caixão fechado, com flores pobres por cima. Vestia a roupa marinheira, tinha as ligas, mas não levava a palhetinha.

Quem na boléia de um dos carros do cortêjo-mirim, exibia sobêrbo terno vermelho, que feria a vista da gente, era o Beppino.

Antônio (êle fazia questão dêsse acento agudo no nome) de Alcântara Machado nasceu em S. Paulo, capital, em 1901 e morreu na Casa de Saúde S. Sebastião, no Rio, em 1935, Contista e cronista dos melhores da língua, deixou vários livros, como "Braz, Bexiga e Barra Funda", "Laranja da China" e "Pathé Baby"; quando morreu era diretor do "Diário da Noite" do Rio de Janeiro.

2 PÁGINAS DE

Rubem

GENTE DA CIDADE



João Condé, o arquivista

Nasceu (1912) apenas em Caruarú (Pernambuco) mas se orgulha disso. O pai era um homem rico, dono de muitos negócios, que uma vez perdeu 700 contos no incêndio de um depósito de algodão. Amigo de infância e de tódá a vida: Álvaro Lins, filho do "seu" Pedro Alexandrino, secretário da Prefeitura. Foi aos 12 anos para o Recife estudar no colégio do Padre Félix Barreto, ali foi colega de Mauro Mota, depois veio para o Aldridge do Rio, onde foi colega de Murilo Miranda e Lúcio Rangel. Voltou para o Recife, veio outra vez para o Rio (Internato do Pedro II) e acabou o curso secundário em Petrópolis.

Em 1935 era repórter marítimo do "Diário de Notícias"; um sábado o secretário da redação Vitorino de Oliveira, achou que podia encarregá-lo de uma reportagem política, mandou-o à estação da Central esperar o embaixador Macedo Soares que chegava à noite de S. Paulo e diziam que ia ser (foi) Ministro da Justiça. Mas João tinha uma noiva e um baile no Fluminense, inventou umas declarações vagas do sr. Macedo Soares e pegou no arquivo uma fotografia dele chegando ao Rio. Na 2.ª feira "O Globo" gozou a "barriga", pois o embaixador não veio.

Formou-se em Direito em 1937, casou-se em 38, tem 3 filhos, acha que não podia ser melhor sua vida de família, joga poker uma vez por semana, adora a sogra, adora comer cebola, coleciona discos de Mozart (116), imagens de santos, gravuras e facas de ponta, aos domingos come galinha de cabidela, fica ruborizado quando o chamam de escritor e o elogio que mais o comoveu na vida foi o contido nestas palavras de um artigo de Sérgio Milliet: "o bom João Condé".

Chora muito no cinema, gosta sobretudo dos quadros de Panceti, tem horror a ouvir falar em doença ou morte (sai da mesa) almoça todo dia com Zé Lins na Colombo há muitos anos, toma uisque moderado à tardinha no Vilarinho, é procurador do JAPC, faz há 4 anos o "Jornal de Letras" com seus irmãos José (escritor) e Elycio (médico) e seus famosos "arquivos implacáveis" são imensos, preciosos mas desarrumadíssimos, apesar dos esforços de sua filha de 12 anos, Maria Tereza. Seus "flashes" são seguramente a seção mais imitada na imprensa do Brasil, torce pelo Fluminense na televisão e está fundando um Museu de Arte Popular em Caruarú, mas já estão xingando ele lá porque ainda não mandou o projeto da casa, e a culpa é do Aldary Toledo que todo dia promete, e como é de graça João não pode insistir demais.

Dá-se com tudo quanto é escritor da direita, do centro a da esquerda, velho ou novo; seus amigos mais diletos, além do mencionado Álvaro Lins, são Odorico Tavares, Mauro Mota e Luís Jardim, suas admirações nacionais maiores são Gilberto Freyre, Manuel Bandeira, José Lins do Rêgo, Carlos Lacerda e Augusto Frederico Schmidt. (Ele citou mais um, mas como não vejo qualquer motivo para essa admiração, deixo de incluir).

Disse que o pior jogador de poker do Brasil é o Rogério Pongetti, o melhor é o Hélio Fernandes. Vai fazer uma exposição de 100 originais manuscritos de livros brasileiros. Dois ideais na vida: voltar a Portugal, que adorou e ter um sítio. Até hoje, ainda fala com jeito de Caruarú; fala e vive.

A POESIA É NECESSÁRIA

OS ARQUIVOS DO MÁU

NAMÔRO

POEMA DE JOSUÉ DE CASTRO

Um arzinho frio
fazendo frufru na cara da gente
e a gente fazendo calentura
de beijos na noite friorenta.

— Tá com as mãos frias, meu bem?

— Mas com o coração quente, amorzinho!

Êste "pecado da adolescência" do conhecido médico e nutrólogo dr. Josué de Castro foi publicado na "Revista de Antropofagia" de novembro de 1928.

CANTIGA, partindo-se

DE JOÃO RUIZ DE CASTELO-BRANCO

Senhora, partem tam tristes
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tam tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

Tam tristes, tam saudosos,
tam doentes da partida
tam cansados, tam chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida.
Partem tam tristes os tristes,
tam fora d'esperar bem,
que nunca tam tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

João Ruiz de Castelo-Branco é um dos poetas portugueses do século XV que aparecem no "Cancioneiro Geral" de Garcia Rezende, publicado em 1516.

Seria mutilado o projeto Niemeyer para a Exposição do IV Centenário de São Paulo

OSCAR NIEMEYER foi convidado para fazer o projeto da Exposição Comemorativa do IV Centenário de S. Paulo. Podia ter pegado tudo sozinho, ganhando um dinheiro; mas Oscar Niemeyer é mais interessado em arquitetura que em dinheiro, e achou justo dividir a encomenda com outros arquitetos, inclusive de S. Paulo. Trabalharam com ele seus colegas Hélio Uchôa Cavalcanti, Zenon Lotufo e Eduardo Kneese de Melo, ajudados por Gauss Estelita e Carlos Lemos.

Quando o ante-projeto ficou pronto, ele foi publicado, e entre outras coisas lá estava escrito: "o Auditório e o Planetário foram estudados conjuntamente, constituindo o elemento arquitetônico mais importante da Exposição".

Esses dois elementos eram, também, os menos custosos da Exposição, e estavam dispostos à direita e à esquerda de sua entrada. Quando a Comissão estudou o ante-projeto, achou que as obras iam demorar demais e ficar muito caras. Na verdade o que atrasou tudo foi o espírito-de-porco de dois engenheiros da Comissão, os srs. Beck e Lindenberg. Um deles achou, por exemplo, que o restaurante era impossível de construir. A cobertura desse restaurante ficaria suspensa por tirantes ligados a um único mastro central, garantindo ao salão completa liberdade de utilização. Desistiu-se do restaurante. (Depois disso a Light pediu um projeto a Oscar; ele resolveu aproveitar a mesma idéia; o edifício será construído, e com certeza todo mundo irá visitá-lo, menos o ilustre engenheiro que não acredita no mastro central. Se ele fôr, a cobertura desabarará, indignada, e se partirá sobre a sua cabeça dura).

Os arquitetos transigiram muito, diminuíram a marquize, simplificaram os pavilhões, que tinham soluções plásticas diferentes, padronizando sua construção para poder baratear e simplificar a obra. Com isso aconteceu que no novo projeto menos — vamos dizer a palavra perigosa — menos barrôco, o conjunto Planetário-Auditório que já era "o elemento arquitetônico mais importante" ficou ainda mais valorizado. Como no lugar do Planetário



HISTÓRIA EM TRÊS ATOS

foi resolvido fazer um Palácio das Artes, os arquitetos trataram de dar a este a mesma forma circular do Planetário primitivo, que combinava com o triângulo de concreto do auditório.

Depois desse exaustivo trabalho começaram as obras. Os engenheiros assinalados saíram da Comissão, mas o espírito-de-porco continuou a funcionar; ele é imponderável, ele passeia sob a forma de partículas invisíveis nas brisas de nossa terra natal; é respirado pelas pessoas de boa vontade e lhes contamina o cérebro. Assim é o espírito-de-porco em nossa terra natal.

A Exposição está sendo construída; fui a S. Paulo, vi a construção, e embora ela esteja atrasada vai marchando depressa, é bela e monumental. O Palácio das Indústrias, com 300 metros de frente, o das Nações e o dos Estados, com 200 metros cada um, a marquize que liga todos, com 600 metros, uma beleza grandiosa e simples. Também está sendo construído o Pavilhão das Artes. Mas o Auditório, não.

Para o Auditório não há verba. Sua estrutura deve ficar em 20 milhões, o que não é assombroso em uma obra que vai além de 600 milhões.

Ora, arquitetura é, também, arte. Se o artista acha que um certo elemento de seu trabalho é o mais importante, têm os construtores o direito de suprimi-lo? Eu já disse: com a padronização dos pavilhões principais o projeto se simplificou e só não ficou pobre e monótono devido à curva da marquize. Assim os dois elementos da entrada ficaram mais conspícuos ainda. Sem eles, ou com um só deles, toda a construção perderá o equilíbrio e a dignidade.

Oscar Niemeyer e seus colegas não estão chorando nem pedindo favor. Estão defendendo a beleza de um conjunto permanente, feito para o mundo ver, no IV Centenário da cidade mais espantosa do Continente. Estão defendendo o renome internacional da arte brasileira que é exatamente a única a ter renome internacional: a arquitetura. Por causa de 20 milhões o Estado mais rico da Federação

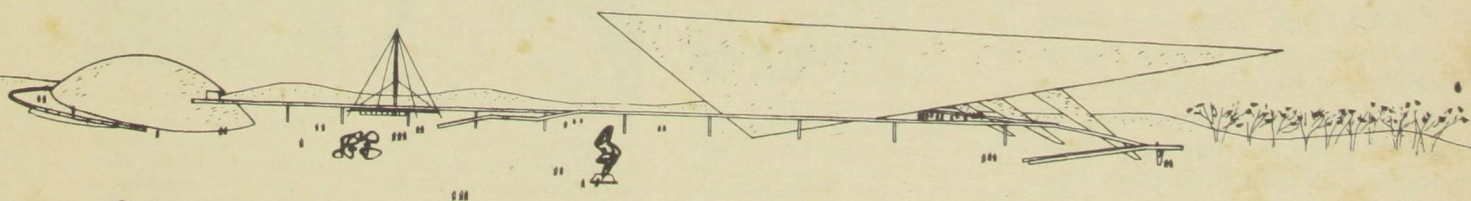
vai mutilar da maneira mais lamentável a expressão arquitetônica de sua glória quadri-secular?

Esperamos que Francisco Matarazzo Sobrinho e o governador Lucas Garcez exorcisem todos os espíritos-de-porco que negam, que intrigam, que amarram, que atrapalham, que chateiam, que empatam, que emporcalham tudo que é bom.

O Auditório não é inútil. Com sua forma plásticamente original e perfeitamente funcional (Le Corbusier escreveu a Oscar, entusiasmado) ele poderá conter 2.000 pessoas interessadas em uma conferência, em teatro, ballet, cinema, concerto, congresso, qualquer coisa dessas, coisas que acontecem sempre em um centro cultural vivo como S. Paulo. Utilíssimo como função, ele é necessário como parte integrante e principal de um conjunto arquitetônico de excepcional grandeza. Tem de ser feito.

Cicillo e Garcez estão convidados a passar por cima da mediocridade e do ranhetismo de alguns dos irresponsáveis e responsáveis, inventar esses 20 milhões e iniciar logo a construção para que pelo menos a estrutura esteja pronta ao se inaugurar a mostra. Assim não teremos um conjunto capenga, mas algo de belo e de honesto. Devo confessar (oh, tenho um certo gosto clássico!) que a simplificação do conjunto, ditada pela urgência e pela economia, me agradou. Ficou menos exposição de técnica e bossa arquitetônica, mais unidade tranquila e viva. Mas fazer isso e fazer o Pavilhão das Artes sem o triângulo do Auditório é um crime visível a olho nu.

Os arquitetos não fizeram cara de gênio: concordaram modestamente em adaptar seu projeto primitivo às circunstâncias do momento — algumas inevitáveis, outras já fruto da burrice e da inveja. O que eles agora exigem é que seu trabalho não seja mutilado, envilecido, capado. No meio de tanta gente que procura "se defender" e "se defende" vigorosamente à custa desse Centenário, acho tocante essa teimosia de homens que apenas defendem a sua arte. Peço a vossa atenção para eles — Garcez, Cicillo, Yolanda Penteadó!



Este desenho mostra à esquerda o Planetário, hoje substituído pelo Palácio das Artes, que entretanto guarda a mesma forma; e à

direita, em forma triangular, o Auditório, cuja construção não foi iniciada. No meio vêm-se o mastro central e os tirantes do Res-

taurante que um engenheiro da Comissão declarou que não poderia ser construído, mas que a Light achou que sim, vai fazer logo.